



Uma experiência de educação no diálogo entre a extensão e a pesquisa: o projeto de fortalecimento da agricultura familiar no microrregião de Juiz de Fora (MG)

1. Introdução: considerações sobre o agricultura familiar

Os modelos de agricultura baseados na produção de larga escala e nas tendências orientadas pela Revolução Verde impuseram limitações ao desenvolvimento rural. Estes modelos, que dominaram de maneira preponderante os projetos de desenvolvimento agrícola em grande parte do Terceiro Mundo, geraram distorções entre os promissores resultados das pesquisas em estações experimentais e os resultados incipientes do campo. A transferência de tecnologia resultou em impactos produtivos que garantiram a segurança alimentar de algumas nações. Entretanto, a agricultura convencional suscitou impactos sociais, políticos e ambientais, envolvendo questões que afetam a biodiversidade e que provocam a contaminação de solos e água e crescente concentração fundiária e de riquezas. A transferência de tecnologia, à medida que priorizou a agricultura em larga escala, tendeu a acelerar as desigualdades, gerando uma grande parcela de excluídos, aqueles que não conseguiam adotar as tecnologias ou as adotavam parcialmente (Altiere, 1989).

Diante dos impactos gerados pelo modelo agrícola convencional, a agricultura familiar tem sido considerada uma importante estratégia de desenvolvimento rural por diversos movimentos sociais, organizações não governamentais, agências governamentais e multilaterais como o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). Principalmente, a partir dos anos 90, a agricultura familiar passou a ser compreendida como uma estratégia capaz de reduzir a pobreza, as disparidades de renda e o uso irracional dos recursos naturais. Desse modo, Graziano da Silva (1996) enfatiza a necessidade de se

Vicente Poulo Pinto*

Resumo:

Este artigo visa apresentar as ações do projeto de pesquisa e extensão "Fortalecimento da Agricultura Familiar na microrregião de Juiz de Fora (MG)", que teve o intuito de contribuir para a adequação do modelo tecnológico voltado para a produção em pequena escala gerida pelo trabalho familiar, visando o fortalecimento e consolidação da agricultura familiar com base no desenvolvimento local sustentável. As ações foram desenvolvidas junto a duas associações de produtores familiares inseridas na microrregião de Juiz de Fora: a Associação dos Produtores da Agroindústria Familiar de Juiz de Fora (Agrojuif) e a Associação Rural Artesanal Mãos Mineiras, localizada em Manejo, Lima Duarte. Para além das associações, o trabalho buscou favorecer as comunidades rurais nas quais estão inseridas estas associações. Realizaram-se pesquisas de campo e estudos teóricos para execução do diagnóstico socioeconômico e ambiental da Agrojuif e da Associação Mãos Mineiras, desenvolvimento de análises físico-químicas e microbiológicas da água e dos produtos fabricados pelas famílias vinculadas às associações para análises comparativas, nas condições atuais e após capacitação técnica especializada, realização, a partir dos resultados obtidos, de cursos de boas práticas de fabricação, realização de cursos e oficinas focando áreas da economia solidária, do associativismo e da educação ambiental e turismo rural.

Palavras-chave: agricultura familiar; educação ambiental; economia solidária; desenvolvimento rural.

* Professor Doutor Adjunto II do Departamento de Geociências do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenador do Grupo de Educação Ambiental (GEA) do Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia. E-mail: vicente.pinto@ufjf.edu.br

priorizar atenção para a sobrevivência da pequena produção familiar, não só pela ótica produtivista, mas pelos seus aspectos sociais. Veiga (1997) acrescenta que o desenvolvimento rural deve ser discutido como objetivo de políticas públicas, incluindo parâmetros econômicos, sociais e ambientais.

A agricultura familiar é um setor estratégico para a manutenção e recuperação do emprego, para redistribuição da renda, para a garantia da soberania alimentar do país e para a construção do desenvolvimento sustentável (Schuch, 1999). Além disso, a geração de um emprego no campo, principalmente, na agricultura familiar, representa custos bem inferiores que a geração de um emprego nas atividades urbanas (Schuch, 1999).

Os agricultores familiares, empregando tecnologias tradicionais ou artesanais, atendem, em geral, consumidores de menor renda, em mercados locais ou regionais, oferecendo produtos de baixa sofisticação tecnológica ligados à cultura local. São produtos como farinha de mandioca, fubá, conservas caseiras típicas, doces em geral, mel, biscoitos, entre outros (Vieira, 1997).

Entretanto, a preocupação com a qualidade dos produtos da agroindústria alimentar vem crescendo notavelmente. Em suma, vive-se um novo momento em que velhos mercados limitam cada vez mais a participação da grande maioria dos produtores rurais, enquanto que o novo mercado abre novos espaços de inserção para a agricultura familiar, porém, traz novas e rigorosas exigências tecnológicas e gerenciais que dificultam, até certo ponto, essa inserção (Vilela, 2001). Na agroindústria de pequena escala, existe uma série de problemas que, consistentemente, interferem na produtividade e na qualidade da produção. São eles: qualidade das matérias-primas, dimensionamento das linhas de produção e dos volumes produzidos, racionalização dos processos, higiene das pessoas e das instalações, consistência e uniformidade dos produtos, dificuldades para cumprir a legislação, dificuldades para aquisição de insumos e embalagens, dada sua escala de operação. Um outro problema apontado é a capacitação gerencial dos pequenos produtores, visto que é uma mesma pessoa que toma as decisões de cunho administrativo, tecnológico e comercial do empreendimento (Vilela, 2001).

2. Os objetivos propostos

Diante desta conjuntura, este artigo se propõe a apresentar as ações realizadas pelo projeto de pesquisa e extensão "Fortalecimento da Agricultura Familiar na Microrregião de Juiz de Fora" desenvolvido, no ano de 2005, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em parceria com a EMATER-MG e financiado pelo CNPq, através do Edital CT-Agro 022/2004. No âmbito da UFJF, o projeto reuniu cinco parceiros, a saber: a Faculdade de Farmácia e Bioquímica, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (INTECOOP), o Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia (CRITT), o Departamento de Arquitetura e Urbanismo (AUR) da Faculdade de Engenharia e o Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia (NEC), sendo coordenado pelo Grupo de Educação Ambiental (GEA/UFJF).

Como proposta mais ampla, o Projeto foi desenvolvido no intuito de contribuir para a adequação do modelo tecnológico voltado para a produção em pequena escala gerida pelo trabalho familiar, visando o fortalecimento e consolidação da agricultura familiar com base no desenvolvimento local sustentável, dando continuidade às ações desencadeadas no projeto "Ciência e Tecnologia na Competitividade da Agricultura Familiar", edital CNPq/COAGR 004-2001, ampliando o trabalho desenvolvido junto aos pequenos produtores da Associação dos Produtores da Agroindústria Familiar de Juiz de Fora (Agrojuf) e expandindo-o para a Associação Rural Artesanal Mãos Mineiras (ARAMM), localizada em Lima Duarte. Ambos empreendimentos situam-se na microrregião de Juiz de Fora, Zona da Mata Mineira.

Juiz de Fora é uma cidade inserida na Unidade Serrana da Zona da Mata, no sudeste do Estado de Minas Gerais. O município é pólo da microrregião 65, mantendo um fluxo intenso com os outros 32 municípios desta unidade do IBGE, além de outras micro e mesorregiões mineiras, e de cidades do Estado do Rio de Janeiro.

Segundo o IBGE (2000), a população de Juiz de Fora perfazia um total de 456.796 habitantes, destes, 453.002 habitantes da área urbana e somente 3.794 moradores das áreas rurais. O município ocupa uma área territorial de 1.424 km². Dessa área, 1.024 km² são definidos como área

rural, dividida em três Distritos, além do Distrito-Sede, e 400 km², como área urbana, que corresponde ao perímetro urbano, este inserido em parte do Distrito-Sede. O perímetro urbano é inserido no curso médio do Rio Paraibuna, pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. O núcleo central da cidade, alojado na seção alargada de seu vale, é dividido em Zona Urbana e Zona de Expansão Urbana (Lei Municipal Nº 6910/1986 e Decreto Municipal Nº 4047/1988).

No trabalho realizado com as duas associações anteriormente citadas foi possível observar que a transformação agroindustrial tem possibilitado a agregação de valor a uma significativa parcela da produção da agricultura familiar. No entanto, esta proposta pôde ser ampliada com a criação de novas estratégias que visaram ampliar o acesso a informações adequadas à pequena produção. Para tanto, este projeto objetivou potencializar a agroindústria familiar por meio de agregação de valor aos produtos e acesso a mercados. Neste sentido, foram desenvolvidas ações voltadas para métodos de controle de qualidade apropriados à produção em pequena escala e gestão de logística, da qualidade e de custos dos processos produtivos.

A Associação dos Produtores da Agroindústria Familiar de Juiz de Fora e a Associação Rural Artesanal Mãos Mineiras vêm passando por várias dificuldades relacionadas à adequação de modelos tecnológicos voltados à pequena produção familiar. Os principais problemas enfrentados dizem respeito a sua gestão e a necessidade de melhoria contínua da qualidade de seus produtos, haja vista os órgãos fiscalizadores e o próprio mercado estarem a exigir o cumprimento das legislações sanitárias. Com a execução do Projeto, constatou-se que essas dificuldades são grandes e ainda não foram superadas.

Para além das associações, o trabalho desenvolvido buscou favorecer também as comunidades rurais nas quais estas estão inseridas.

3. Os percursos metodológicos: a pesquisa e o extensão no mesmo cominhor

Pelo caráter interdisciplinar do projeto, diferentes linhas de ações foram definidas entre os parceiros. A cargo da Faculdade de Farmácia e

Bioquímica ficou a preocupação de se definir quais e quantos produtores seriam estudados, quais produtos seriam analisados e quais análises bioquímicas e biológicas seriam feitas para confecção de tabelas nutricionais. O Grupo da Educação Ambiental manifestou sua preocupação em relação às questões ambientais. A importância de saber quais as concepções de ambiente que os produtores têm, quais os problemas ambientais que se apresentam, o que eles considerariam e o que não considerariam como problema. A equipe da Arquitetura mostrou sua preocupação com o espaço, sendo discutida inclusive a possibilidade, a partir do diagnóstico, de se promover um resgate dos elementos nativos, dos aspectos naturais, materiais e culturais locais, incentivando as formas locais de construção que usem soluções criativas para responder às demandas de materiais. No âmbito do Turismo foram visualizadas possibilidades de desenvolvimento de roteiros turísticos através das comunidades rurais. Enfatizou-se a importância de aproveitar o espírito hospitaleiro do povo rural e da possibilidade de incentivar o turismo com base comunitária. A Intecoop ficou encarregada de apresentar o perfil da Associação Mãos Mineiras e da Agrojuf visando a elaboração do planejamento estratégico e o plano de negócios de cada uma das associações, a partir dos subsídios gerados durante a realização das oficinas do diagnóstico junto às comunidades.

Durante as reuniões da equipe do Projeto foram levantadas algumas questões metodológicas ressaltando a necessidade de quebrar com a metodologia clássica "de cima para baixo", buscando para isso um envolvimento amplo das comunidades. Foi citada também a preocupação dos produtores de saber o que vai ficar com eles. O sentimento de que "somos cobaias", resultado do muito estudo já realizado nas comunidades. Destacou-se a importância de não deixar banalizar a idéia de sustentabilidade e apontou-se a noção do trabalho participativo com sendo fundamental para isso.

No primeiro momento do diagnóstico, foram estabelecidas quatro ações concretas a serem executadas: resgatar a memória do diagnóstico do projeto anterior (Ciência e Tecnologia na Competitividade da Agricultura Familiar) analisando as informações a serem aproveitadas; estabelecer os critérios físicos e rígidos dos as-

pectos abordados; organizar visitas junto às comunidades estabelecendo um primeiro contato com os locais a serem estudados e apresentando o projeto às famílias rurais; montar o cronograma de oficinas a serem realizadas esclarecendo a população a respeito do trabalho do diagnóstico e da importância fundamental da participação comunitária nesse trabalho.

Ao serem apresentados os resultados do diagnóstico feito pelo projeto anterior, notou-se que o trabalho focou mais a questão do controle de qualidade dos produtos mais produzidos e comercializados pela Agrojuf. Concluiu-se então que o diagnóstico deveria ser feito de forma mais ampla, pois se tornou necessário o desenvolvimento de um olhar mais interdisciplinar.

Sobre o trabalho em campo discutiu-se a importância de se fazer contatos com outros atores sociais dentro das comunidades. Foi possível buscar relações além das associações. Esse foi um ponto bem destacado no Projeto. Este momento permitiu conhecer algumas propriedades e estreitar as relações de maneira a criar condições para que as atividades previstas no projeto fossem realizadas num processo de diálogo. Outro aspecto ressaltado a respeito das visitas de campo foi a necessidade de diferentes olhares a serem impressos por cada um dos grupos atuantes no projeto. Quem trabalha com arquitetura focou o olhar nas condições físicas e estruturais dos ambientes; a equipe da farmácia esteve atenta também às questões de infra-estrutura e condições de higiene, o grupo do turismo visou perceber como se realiza a hospitalidade no meio rural e assim por diante.

Na tentativa de se definir uma metodologia de trabalho foram expostas algumas impressões e opiniões sobre metodologias utilizadas em trabalhos de Diagnóstico Rural Participativo (DRP) e tentou-se, a partir disso, definir a metodologia adotada pela equipe do projeto. A questão, porém, que se mostrou mais complexa foi a heterogeneidade espacial dos territórios integrantes da Agrojuf, pois seus associados estão distribuídos em mais de 13 comunidades no município Juiz de Fora.

Diante desse quadro, a comissão do diagnóstico constatou que a melhor maneira de trabalhar com a Agrojuf seria focar no diagnóstico do grupo de produtores da Agrojuf. Isto signifi-

caria estudar a situação de cada família dos produtores envolvidos, buscando informações sobre a maneira como é feita sua produção e sobre a realidade na qual ela está inserida. Para tanto foi necessário que a comissão do diagnóstico tivesse um contato com cada uma das comunidades envolvidas. A respeito desse trabalho junto à Agrojuf foi discutido o potencial que o projeto poderia ter de mobilizar outros produtores dentro das comunidades a participarem da associação. Para isso foi importante buscar o contato com esses outros atores.

O encontro para o lançamento do projeto na comunidade de Torreões foi apontado como a primeira oportunidade de se estabelecer um contato mais próximo com os produtores, para que a equipe pudesse começar a organizar o seu olhar sobre os elementos a serem observados e estudados nas comunidades e seus habitantes.

Buscou-se estimular a cidadania e o protagonismo das famílias rurais, trabalhando a autoestima, mostrando que eles são importantes, que têm um papel relevante a cumprir na sociedade e no meio em que vivem. Para tanto, colocou-se a necessidade de que a equipe soubesse ouvir o pequeno produtor identificando e acolhendo suas necessidades mais urgentes e permitindo que as propostas do projeto adquirissem confiança e credibilidade por parte das comunidades.

Foram realizadas inicialmente quatro visitas de campo nas comunidades onde estavam presentes os associados da Agrojuf. Estas visitas foram de reconhecimento e aproximação. Reconhecimento, pois a maioria do grupo integrante do Projeto não havia tido contato com a zona rural no entorno de Juiz de Fora, e também necessitava realizar observações a fim de ambientar-se com o modo de vida no campo. Aproximação, devido ao exercício que foi realizado visando a apresentação da equipe do Projeto para os produtores, a explicitação dos objetivos e, ao mesmo tempo, iniciar o processo de aceitação da presença dos pesquisadores naquele ambiente.

Em cada visita foi feita uma entrevista padrão que procurava informações sobre a comunidade e sobre as famílias envolvidas nas associações. Procurava-se com essas informações subsidiar o trabalho de seleção do campo da pesquisa, servindo como um pré-teste. As entrevistas foram feitas com as lideranças das comunidades,

funcionários públicos e moradores em geral. Aplicou-se um questionário aberto que orientava, mas não restringia a conversa com os produtores rurais. Além dessas entrevistas, cada integrante do Projeto, a partir de suas observações e de conversas informais com a população em geral, produziu notas de campo. Estas notas foram expandidas logo a seguir às visitas, servindo também como base para elaboração dos roteiros de entrevistas.

Os roteiros de entrevistas foram estruturados a partir de dois conjuntos de pressupostos: um de caráter empírico e outro de caráter teórico. Durante as visitas de campo, além da aplicação de alguns questionários abertos, que serviram de pré-teste, os integrantes do Projeto (que cobriram todo o território das famílias de produtores envolvidas pelo Projeto) constituíram notas de campo resultantes de observações, de conversas e levantamento de informações secundárias. Estas notas de campo foram expandidas e apresentadas nas reuniões do Diagnóstico, acima citadas, para elaboração das entrevistas. Portanto, este procedimento constituiu o pólo empírico. A partir das vivências de campo os dados empíricos foram organizados coletivamente.

Quanto ao pólo teórico foram considerados os textos de J. Friedmann, sobre o empoderamento dos grupos sociais; de C. Geertz, sobre o saber local e a interpretação das culturas e de H. Lammarche sobre a agricultura familiar.

A necessidade de se entender as origens dos agricultores familiares e de suas associações, suas relações internas, as histórias de vida, suas relações com outras organizações foi colocada como um dos principais objetivos da pesquisa. Procurou-se entender também o todo da comunidade, buscando as ligações entre as famílias, sua capacidade de empoderamento e as formas de relacionamento com os distintos setores da sociedade. Enfatizou-se questões vinculadas ao associativismo, à economia solidária, à agricultura familiar e ao meio ambiente.

Foram elaborados dois roteiros de entrevistas, um voltado para questões relacionadas às comunidades e outro relacionado aos produtores familiares e sua associações.

A equipe de professores e bolsistas foi subdividida em onze setores de trabalho (conjuntos de localidades) para que assim pudessem contemplar os territórios da Agrojuif e das Mãos Mi-

neiras. Esses setores de localidades-comunidades foram definidos a partir, principalmente de critérios geográficos, tais como proximidade, contigüidade e integração. Procurou-se, fundamentalmente, se estabelecer uma regionalização que desse conta não somente de elementos físicos, mas, principalmente, de relações de interdependência. Daí, o estudo de Manejo contemplou a Associação Mãos Mineiras e suas produtoras. O território da Agrojuif foi regionalizado em dez áreas: 1) Barreira do Triunfo; 2) Valadares, Penido e Rosário de Minas; 3) Bias Fortes; 4) Caeté; 5) Fazendinhas de São Pedro; 6) Humaitá; 7) Monte Verde; 8) Pirapitinga; 9) Salvaterra e 10) Torreões.

Foram realizados 11 trabalhos de campo para aplicação das entrevistas. Além disso, as outras atividades relacionadas ao Projeto e da própria comunidade, — tais como reuniões, cursos, oficinas e festas — também serviram para coleta de informações visando o diagnóstico.

Após a realização dos trabalhos de campo foram constituídos grupos de estudos pela equipe do Projeto para leitura dos textos e organização das categorias de análise que serviram para elaboração de artigos científicos. Esses artigos foram produzidos em janeiro e fevereiro de 2006, com base nos diagnósticos, enfocando as quatro categorias de análise definidas pelos estudos: 1) agricultura familiar; 2) as relações rural-urbanas; 3) a economia solidária e o associativismo e 4) o turismo no espaço rural.

Além dos artigos, foram desenvolvidos cursos e oficinas nas áreas de educação ambiental, turismo, plantas medicinais, arquitetura e boas práticas na fabricação de produtos alimentares. Também foram realizadas as análises físico-químicas e microbiológicas, as quais exigiram as visitas domiciliares para coleta dos produtos e amostras da água utilizada no processo de fabricação. Com isso, foram produzidas as tabelas nutricionais e os resultados das análises. No campo de atuação da Intecoop, as ações de planejamento estratégico e os planos de negócios foram norteadas pelas oficinas e cursos sobre relações humanas no trabalho, de gênero e jovens, de associativismo e economia solidária, que transcorreram ao longo do processo de incubação.

Como forma de retorno para as comunidades, uma cartilha foi produzida a partir das experiências e conteúdos vivenciados no diagnósti-

co, nos cursos e nas oficinas. Um caderno do diagnóstico foi entregue às associações contendo um mapa com a localização das famílias e de seus produtos.

4. Agrojuf e Mãos Mineiras: o busco pela superação dos problemas

A preocupação com a qualidade, por parte das agroindústrias rurais, vem crescendo notavelmente. Os velhos mercados limitam cada vez mais a participação da grande maioria dos produtores rurais, enquanto que um novo mercado abre novos espaços de inserção para a agricultura familiar, porém, traz novas e rigorosas exigências tecnológicas e gerenciais que dificultam, até certo ponto, essa inserção (Vilela, 2001). No caso da agroindústria de pequena escala, a exemplo das associações de produtores de Juiz de Fora e microrregião, existe uma série de problemas que, consistentemente, interferem na produtividade e na qualidade da produção. São eles: qualidade das matérias-primas, dimensionamento das linhas de produção e dos volumes produzidos, racionalização dos processos, higiene das pessoas e das instalações, consistência e uniformidade dos produtos, dificuldades para cumprir a legislação, dificuldades para aquisição de insumos e embalagens, dada sua escala de operação (Vilela, 2001). O aporte tecnológico, geralmente, se origina da própria família do produtor ou do agente de extensão rural. Além disso, pouca atenção é dispensada à qualidade, embalagens e comercialização. Na Associação Mãos Mineiras, por exemplo, as exigências de um de seus principais clientes de complementos alimentares têm levado o grupo a repensar o seu processo produtivo, a fim de adequá-lo às normas estabelecidas pelos órgãos competentes. Entretanto, há que se considerar um importante entrave para se atender a essa nova necessidade. O trabalho coletivo é realizado no âmbito familiar, o que, em alguns momentos, dificulta a mudança do processo produtivo para um local de uso coletivo, que atenda às normas sanitárias. É importante que o grupo se coloque permanentemente aberto e motivado para discutir essas questões, além de outras como a relação entre o trabalho coletivo e o trabalho realizado no âmbito familiar.

Visando a criação de oportunidades de inserção competitiva dos produtores da Agrojuf e

da Associação Mãos Mineiras no mercado, o projeto investiu na capacitação tecnológica do empreendedor em técnicas e procedimentos de higiene, manipulação e processamento, buscando a melhoria da qualidade dos produtos e matérias-primas, a adequação das instalações produtivas, tentando desta forma atender ao máximo as legislações que regulamentam o setor.

Pelos dados apresentados pela Faculdade de Farmácia e Bioquímica conclui-se que a maioria dos produtos fabricados pelos produtores da Associação AGROJUF e Associação Mãos Mineiras apresenta qualidade microbiológica satisfatória segundo os parâmetros estabelecidos pela RDC nº 12 de 2 de janeiro de 2001 do Ministério da Saúde. Sendo que de todas as 116 amostras analisadas apenas 12 foram reprovadas por não atender aos padrões microbiológicos estabelecidos. Destas reprovações, 9 foram de amostras produzidas após o curso de Boas Práticas de Fabricação. Estes resultados podem estar relacionados à utilização incorreta de paramentações como luvas, gorro e máscaras ou a contaminações vindas da matéria-prima ou água utilizada na fabricação. Ou seja, os produtores assimilaram os conceitos higiênico-sanitários para produção de alimentos transmitidos no Curso de Boas Práticas de Fabricação, porém não estão sabendo aplicá-los de forma adequada.

O principal problema enfrentado por estes produtores em relação à produção de alimentos é a má qualidade da água utilizada como matéria-prima ou na higienização de equipamentos e utensílios. Os resultados das análises realizadas evidenciaram que grande parte estava contaminada, imprópria para o consumo humano e para utilização na fabricação de alimentos. Observou-se que a maioria das agroindústrias familiares da Agrojuf e Associação Mãos Mineiras estão se adequando para atender aos padrões legais exigidos para produção e comercialização de alimentos. Esta adequação permitirá que os produtores busquem novos mercados, fazendo da agricultura familiar instrumento de fixação do homem no campo e geração de renda no meio rural.

O artesanato, juntamente com a agroindústria familiar, também representa uma importante atividade que efetivamente pode gerar trabalho e renda dos associados e associadas da Agrojuf e Mãos Mineiras. Entretanto, após a conclusão do

projeto, é possível destacar alguns obstáculos que dificultam o andar nessa direção.

No âmbito da Associação Mãos Mineiras, além do já citado problema com a adequação sanitária, é importante enfatizar que o estudo de mercado realizado pela Intecoop/UFJF demonstrou que existe um nicho favorável e em expansão para os complementos alimentares. Outro fator importante neste repensar consiste em organizar estratégias que estimulem uma maior oferta de produtos, que resolva o problema de baixa movimentação financeira e de pagamento das despesas para manutenção do espaço. Mas ainda não existe um consenso em relação a essa proposta. Acresce-se a isso o fato de que o grupo encontra-se desmotivado, constatado pela baixa participação das oficinas e em momentos de reunião para discutir os problemas ou planejar atividades de longo prazo e de perspectiva, como é o caso da elaboração de planejamento estratégico.

Apesar dos problemas encontrados, constatamos também que ambos os grupos começam a discutir e compreender melhor a importância das cadeias produtivas e do trabalho em rede entre os próprios associados e os empreendimentos solidários. Todavia, isto é um processo a ser construído a médio e longo prazo e que requer a formação de capital social e uma cultura do trabalho baseada na cooperação, bem como no aprofundamento do significado da economia solidária em meio ao sistema capitalista altamente excludente.

Um dado relevante que pode contribuir para superação dos problemas encontrados é que a Agrojuf e Mãos Mineiras estão se organizando juntamente com outros grupos para participarem de um entreposto coletivo de comercialização no município de Juiz de Fora, e de feiras de economia popular solidária. Esta oportunidade surgiu a partir da aprovação de projeto da Intecoop/UFJF, em parceria com a Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (através de sua Secretaria de Agropecuária e Abastecimento e Associação Municipal de Apoio Comunitário) e Emater/MG, com recursos do Ministério do Desenvolvimento Social e do Ministério da Ciência e Tecnologia, através da FINEP. Foram propostas estas ações e outras metas que poderão beneficiar os dois grupos que fizeram parte do Projeto. Verificou-se que um dos gargalos estratégicos para a viabilidade econômica dos empreendimentos solidários con-

siste na comercialização. Indubitavelmente, a abertura de novos canais de comercialização em Juiz de Fora contribuirá para uma maior inserção no mercado dos empreendimentos solidários.

A construção da economia solidária envolve transformações profundas em nossa sociedade. A constante fragmentação de valores humanos que advém de um crescente individualismo, do consumismo exacerbado, sintomas de nossa contemporaneidade, constituem-se em verdadeiros desafios para a incorporação dos princípios da economia solidária, como a gestão democrática, a cooperação, a solidariedade e a inclusão social através do trabalho coletivo.

5. Desafios e perspectivas

A partir dos estudos teóricos sobre agricultura familiar, identifica-se dois desafios: superar a imprecisão do conceito de pequena produção, dimensionando mais claramente a agricultura de base familiar do Brasil e o aprofundamento do conceito de camponês compreendendo e analisando a sua evolução.

O fortalecimento da agricultura familiar, tendo em vista as associações estudadas, será efetivo a partir do momento em que esses sujeitos se organizarem no sentido de se tornarem auto-suficientes e menos dependentes em relação ao mercado.

A tentativa de tornar uma associação como a Agrojuf competitiva no mercado poderá frustrar as expectativas de sobrevivência do grupo enquanto produtores rurais, considerando que estes produzem de forma artesanal e familiar, não possuindo uma força de trabalho capaz de atender às fortes demandas impostas pelo mercado.

No caso da Associação Mãos Mineiras, os principais motivos para participação na associação são — para além da obtenção de renda e comercialização dos produtos — a convivência social, a aquisição de novos conhecimentos, a valorização do trabalho da mulher e a possibilidade de conciliar o trabalho remunerado com os afazeres domésticos, permitindo que as associadas possuam autonomia própria no ritmo da produção. Sendo assim, a finalidade em participar da associação não é regida de modo prioritário pela lógica mercantil, prevalecendo o objetivo social. Tentar adequar essas associadas num mo-

delo de produção capitalista que as tornem competitivas é ir de encontro com suas expectativas de permanência na associação e com o conjunto de valores que as identificam como artesãs. O que acarretará na extinção do artesanato (pois a produção é lenta e o lucro é pouco) e na transformação das artesãs das associadas em produtoras de pós-nutricionais.

O que se propõe, diante das reflexões apresentadas neste texto, é que a força de trabalho familiar fortemente presente nas duas associações seja valorizada e direcionada para a autonomia das famílias em relação às determinações do mercado, aprofundando o seu papel no processo de gestão das unidades de produção.

Na Agrojuf é importante que a cultura de subsistência seja incentivada, que se amplie o cultivo de matéria-prima utilizada nos produtos fabricados e que as trocas solidárias aconteçam de forma mais efetiva entre os produtores.

Na Associação Mãos Mineiras as produtoras devem se organizar de forma comunitária, inserindo-se nas formas de trabalho coletivo já existentes, buscando soluções internas para as demandas de cada família e fortalecendo os laços que mantém viva a disposição para a confecção artesanal. Por fim, é fundamental a valorização do trabalho da associação, que contempla o uso racional dos recursos naturais e a preservação do meio ambiente possibilitando além da diminuição dos custos, a ampliação da criatividade.

A organização da agricultura familiar, no seu modo de produção e gestão e ainda, no âmbito político, impõem sérios desafios para as associações e constitui-se num forte elemento de resistência e luta social.

6. Referências bibliográficas

- ALTIERE, Miguel. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989. 237p.
- FRIEDMANN, John. *Empowerment*. Oxford: Blackwell, 1992. 212 p.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997. 356 p.
- GRAZIANO DA SILVA, José. *O novo rural brasileiro*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 1999. 153p.
- LAMARCHE, Hugles (coord.) *A agricultura familiar*. Volume II. Do mito à realidade. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. 348p.

SCHUCH, Heitor José. *A importância da opção pela agricultura familiar*. Disponível em: <<http://gifap.cnpia.embrapa.br/itens/publ/fetalgrs99.doc>>. Acesso em 15 fev.2006.

VEIGA, José Eli. da. Uma estratégia de desenvolvimento rural para o Brasil. In: Encontro Anual da ANPOCS, 21. Anais... Caxambu: ANPOCS, 1997. 16p.

VEIRA, Luis Fernando Vieira. Agricultura e Agroindústria Familiar. *Revista de Política Agrícola*, Rio de Janeiro, v. VII, n.1, p. 11-13. Jan/Mar. 1998.

VILELA, Sergio Luiz de Oliveira. *Agricultura familiar e produção agrícola na contemporaneidade*. Disponível em: <<http://www.gipaf.cnpia.embrapa.br/temas/prodagric/index.html>> Acesso em 04 set. 2001.

Abstract:

This article aim to introduce the actions of investigation and extension project "Fortalecimento da Agricultura Familiar na Micro região de Juiz de Fora" - MG, it had the intention of contribute for adequacy of the technological model directed toward the production in small scale managed by familiar work, aiming at fortalecimento and consolidation of familiar agriculture on the basis of sustainable development.

The actions had been developed together two associations of inserted familiar producers in microregion of Juiz de Fora: "Associação dos Produtores da Agroindústria Familiar de Juiz de Fora" (Agrojuf) and Associação Rural Artesanal Mãos Mineiras in Manejo, Lima Duarte.

For beyond the associations, the work searched the agricultural communities in with associations. Theoretical researches of field and teorical studies were realized to execution of diagnosis social economical and environmental of Agrojuf and Mãos Mineiras. Development of analyses microbiologicals and physicist of water and products manufactures by entailed families those associations for comparative analysis in the current conditions and qualification technique after specialized, realization, after results, courses of good practical of fabrication, realizations of the courses and workshops focusing areas of solidary economy, environmental education and rural tourism.

Keywords: familiar agriculture; environmental education; solidary economy; rural development.